

## O NOVO PERFIL METALÚRGICO JOVEM ADULTO/FLEXÍVEL DO ABC E SEU MODO DE VIDA “JUST-IN-TIME”: SUCESSO E DESSABORES DE UMA HISTÓRIA POUCO CONTADA

RENAN ARAÚJO\*

Marshall Berman (1986), no seu livro *“Tudo que é sólido desmancha no ar”*, ao discorrer sobre a nova relação social consubstanciada no trinômio *tempo, movimento e sociedade*, indica-nos alguns dos traços essenciais, caracterizadores de uma diferenciada trama sócio-histórica cujos traços fundam, por assim dizer, a modernidade capitalista.

É uma peculiaridade histórica que qualitativamente se diferencia, uma vez que se trata de um processo totalizante, cuja síntese é dada pelo contínuo movimento impulsionado pela lógica da acumulação. Trata-se de uma dinâmica que, dialética, altera/conserva/supera os signos que balizam a vida societária, pois *“dissolvem-se todas as relações sociais [...] as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado”* (Marx, 1968: 26).

Em sintonia com os pressupostos acima enunciados, Anthony Giddens, em *“As conseqüências da modernidade”* (1992), pontua que o conteúdo sócio-histórico moderno é marcado por descontinuidades, por rupturas substantivas capazes de separar as civilizações sociais modernas das ordens sociais tradicionais.

Para Giddens (1991), a natureza da modernidade pode ser compreendida em decorrência de:

- A-) ritmo de mudança nítido, que a era da modernidade põe em movimento [...] a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema. Se isso é mais óbvio no que toca à tecnologia, permeia também todas as outras esferas;

---

\* Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Paraná – UEPR/Campus Paranavaí. Doutor em Sociologia pela UNESP/Campus Araraquara. Graduado em História pela UNESP/Campus Assis.

- B-) uma segunda descontinuidade, que é o escopo das mudanças. Conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformações sociais penetram virtualmente toda a superfície da terra;
- C-) algumas formas sociais modernas simplesmente não serem encontradas em períodos históricos precedentes, tais como o sistema político do Estado-Nação, a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimadas, ou a completa transformação em mercadorias de produtos e trabalho assalariado.

Com base nesses pressupostos observa-se, portanto, que em sua fase inaugural, apesar dos conflitos e dilemas inerentes à consolidação da sociedade moderna sob hegemonia burguesa, havia certo otimismo a acompanhar as mudanças, já que, de forma contraditória, a humanidade conhecia saltos qualitativos. Os avanços no campo da ciência, por exemplo, não só proporcionaram-impulsionaram seu desenvolvimento, mas também romperam com as arcaicas formas de vida política, econômica e social. Incorporaram-rompendo com as formas da cultura tradicional, locais, fechadas, isoladas do mundo.

Dessa feita as transformações, sintetizadas na idéia de que “*tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado*”, faziam parte de um movimento que desestabilizou-organizou, assentado na necessidade de acumulação, que tendeu a ampliar suas contradições, conferindo-lhe caráter sempre mais agudo. A emergência do *jovem-adulto flexível* em nossa contemporaneidade pode ser interpretada como um aspecto revelador dessa história contraditória, do contínuo processo de mudanças caracterizador da modernidade.

No Brasil, por exemplo, a partir da década de 1990, uma ampla produção intelectual vinculada à engenharia industrial, à economia e à Sociologia do Trabalho tem procurado analisar a disseminação das estratégias do trabalho flexível. Em especial, ganharam destaque os estudos sobre o processo de reestruturação produtiva nas empresas montadoras localizadas na região do ABC paulista (Bresciani, 2001; Arbix, 1996; Comin, 1997; Zauli, 1997), sobretudo, na fábrica por nós também pesquisada.

De forma ampla, encontramos autores que enfatizam a emergência de um perfil operário jovem que goza de maior escolaridade, maior qualificação profissional e melhores salários quando comparados com a média brasileira, e ainda de um novo

segmento operário, cuja convivência com a velha geração é marcada por inúmeros conflitos (Tomizaki, 2007; Iram Rodrigues, 2005; Araújo, 2009).

É por isso que são relevantes à definição do perfil social desse novo segmento operário as informações trazidas por Iram Rodrigues (2005) quando da sua pesquisa sobre o perfil socioeconômico dos jovens metalúrgicos com até 29 anos de idade, empregados nas indústrias montadoras localizadas na região do ABC paulista. Vejamos, então, a tabela que segue:

**TABELA 16**  
*Bens de consumo*

BENS DE CONSUMO	FAIXA ETÁRIA	30 anos ou mais (%)	Até 29 anos (%)
Geladeira		99	100
Rádio		98	100
Televisão		98	97
Telefone fixo		96	99
Máquina de lavar roupa		94	93
Carro		81	93
Videocassete		82	87
Telefone celular		52	77
Forno de microondas		71	75
Computador		48	66
Internet		35	55
DVD		15	32
TV por assinatura		21	22

Tabela elaborada por Iram elaborada por Iram Rodrigues.

De imediato, vemos que esses operários possuem excepcional poder de compra, uma possibilidade ímpar de aquisição de diferentes bens de consumo, inclusive os bens de consumo duráveis, como o automóvel (93%), ou ainda serviços como telefone fixo (99%), computador (66%) e internet (55%). Os dados referentes ao setor de serviços não só despontam, mas também, são elucidativos do poder de compra do segmento *jovem-adulto flexível*.

De forma a complementar as informações trazidas em relação ao perfil do *jovem-adulto flexível*, particularmente do seu “sucesso” como consumidor de novos produtos e serviços, relevantes à compreensão desse segmento jovem-adulto empregado nas montadoras são os novos dados referentes a outros itens trazidos pela mesma pesquisa, realizada por Iram Rodrigues (2005).

Seu estudo indica-nos ainda que 66% nasceram no ABC e 25% na capital paulista. 59% são solteiros e 39% encontram-se vivendo maritalmente. 68% dizem não ter nenhum filho e 22% possuem somente um. 66% se dizem católicos, 9% pertencem à Assembléia de Deus e 13% afirmam não ter religião.

Nota-se, portanto, que os dados da pesquisa de Iram Rodrigues (2005) corroboram sobremaneira na definição do perfil social, e mais, do perfil comportamental desse grupo. Constatamos que residem em regiões que contam com uma reconhecida infra-estrutura urbana, o que lhes permite usufruir da ampla rede de serviços públicos ou privados. São majoritariamente religiosos (87%), na sua ampla maioria são solteiros, e dos 22% casados, a maior parte tem um filho somente.

Chama-nos a atenção ainda o fato de que mesmo 75% dizendo-se cristãos, não tenham aplicado o princípio religioso que prescreve: “crescei e multiplicai-vos”. Todavia, essa questão parece não se explicar pela rejeição dos preceitos divinos em si. O dia a dia desse segmento operário caracteriza-se pela intensa “correria”, um “sobe e desce” desmedido, para não dizer “insano”, um verdadeiro teste para cardíaco ou para a saúde psíquica, conforme veremos.

Com base nesses dados estatísticos apreende-se, portanto, que os metalúrgicos do segmento montador de um modo geral, particularmente os jovens com até 29 anos de idade, têm acesso considerável aos bens de consumo e serviços geralmente restritos a determinados segmentos da população, revelando com isso que são portadores de um modo de vida que é típico de setores que compõem a classe média.

A condição salarial, deveras bem acima da média encontrada no setor metalúrgico, constitui outro dado importante para a definição do perfil social do *jovem-adulto flexível* aqui analisado. Os números abaixo demonstram o quantum salarial recebidos pelos operários de “sucesso” da região do ABC paulista.

**TABELA 14**  
*Nível salarial*

	FAIXA ETÁRIA	30 anos ou mais (%)	Até 29 anos (%)
<b>NÍVEL SALARIAL</b>			
Até R\$ 600		1	0
De R\$ 601 a R\$ 1.200		2	8
De R\$ 1.201 a R\$ 1.800		54	50
De R\$ 1.801 a R\$ 2.400		18	19
De R\$ 2.401 a R\$ 3.000		11	17
Mais de R\$ 3.000		14	6
<b>TOTAL</b>		<b>100</b>	<b>100</b>

Pesquisa sobre o Perfil socioeconômico dos jovens metalúrgicos com até 29 anos de idade, nas indústrias montadoras do ABC. Tabela elaborada por Iram Rodrigues (2005).

Uma análise fria dos dados, tal qual eles aparecem, torna-se reveladora, pois vemos que, em 2005, 92% dos operários recebiam um salário acima de 1.200 reais. Entre os 8% que recebiam até 1.200 reais, com base em nossa pesquisa de campo, supomos que no caso da empresa aqui pesquisada estejam os adolescentes/jovens que, oriundos da Escola Senai, cumpram estágio remunerado na fábrica, ou então tenham acabado de se efetivar.

Todavia, quando comparado seu valor com o salário mínimo nacional, o *quantum* recebido por essa minoria composta pelos 8% revela que esses recebiam de dois a quatro salários mínimos, que em 2005, era de 300 reais, de acordo com as informações obtidas em 03/2008 no site do Ministério do Trabalho. Porém, a ampla maioria, formada por 92%, recebia o valor equivalente de no mínimo quatro salários.

Contudo, no caso da empresa aqui analisada devemos destacar que a contratação de pessoal para a produção, de acordo com as informações fornecidas pela empresa e divulgadas pelo jornal Diário de São Paulo de 27/02/2008, os novos operários receberiam entre 1.200 a 2.700 mil reais como salário inicial.

Soma-se a isso um conjunto de benefícios sociais (auxílio-estudo, convênio médico, transporte subsidiado, refeição própria e subsidiada, e centro de recreação, etc.), mais as formas de remuneração indireta, como Participação nos Lucros e Resultados - PLR. Vejamos o que nos disse Fernando, operário da manutenção, em relação às formas indiretas de salários:

“É um pensamento que eu tento retratar [...] a Comissão tem uma negociação com a empresa que permite que o décimo terceiro, metade seja pago entre março e abril. A primeira parte do PLR (Participação nos Lucros e Resultados) em junho, a outra parte no final do ano, e mais algum adiantamento entre o ano [...] toda essa negociação a cada três meses, mesmo você não tendo aumento real de salário, mas você tendo mais algum pra gastar, isso é um resultado, não tem como negar! Eu acho que isso é um ponto positivo”.

Ainda que sua realidade seja um tanto diferenciada em relação a uma parcela dos próprios colegas de fábrica - provavelmente do segmento operário que se encontra no início da sua carreira na empresa -, seu depoimento se sustenta, pois tem base real: basta comparar com a realidade salarial de outros operários, empregados em diferentes montadoras fora da região do ABC<sup>1</sup>.

O Boletim Eletrônico de 10/07/2008, da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT – CNMCUT, por exemplo, informava que:

“A jornada de trabalho semanal em algumas localidades chegam a ter 4h a mais em relação a outras. [...] o salário médio dos metalúrgicos variam até 4,4 vezes e nas montadoras a diferença salarial nas diversas regiões do país chegam a 3,5 vezes [...] Em média, o metalúrgico que trabalha nas montadoras de São Bernardo do Campo - SP recebe R\$ 3.674,74 em uma jornada média de 40h semanais e um salário/hora que atinge R\$ 20,97. Já o trabalhador que exerce a mesma função em Catalão-GO, recebe um salário médio de R\$ 1.031,92 (que representa 28,3% do salário do ABC; uma diferença salarial acima de 70%) para uma jornada média de 44h semanais, com um salário/hora de R\$ 5,39 [...] Para os trabalhadores das duas regiões retratadas acima, a variação do custo de uma cesta padrão de produtos e serviços são mínimas (11,5%). Enquanto no ABC é necessário desembolsar R\$ 2.723,88 para adquirir a cesta de produtos, em Catalão, gasta-se R\$ 2.410,41. Estes valores, na prática, refletem que enquanto o metalúrgico do ABC teria que gastar 44,05% de seu pagamento e trabalhar 129,88h para conseguir comprar a

---

<sup>1</sup> Para efeito comparativo, Gilberto Franca (2007) informa-nos que, tomando como referência o valor 100, em 2001, tanto nas indústrias automobilísticas já estabelecidas no Brasil quanto aquelas que surgiram no bojo da guerra fiscal, na segunda metade da década de 1990 e início de 2000, encontramos entre os horistas as correspondentes faixas salariais: SBC/S.C.Sul (100), S.J. Campos (96,8), Curitiba (73,1), Sumaré (55,6), Caxias do Sul (53,8), Indaiatuba (53,0), Betim, (48,6), S.J. dos Pinhais (47,7), Resende/P.Real (43,0), Juiz de Fora (41,8), S. Carlos (41,4), Gravataí (41,1), Camaçari (30,4), Sete lagoas (22,8), (Franca, 2007:109-110).

cesta, o trabalhador goiano precisaria trabalhar 446,89h, gastando o equivalente a 233,58% de seu salário mensal” (subseção Dieese-CNM/CUT).

Percebemos que, apoiados numa capacidade organizativa ímpar, os metalúrgicos do ABC, são capazes de encontrar respostas objetivas, aquelas relativas às contingências do cotidiano.

Com base nas reflexões desenvolvidas por Agnes Heller (1989), a cotidianidade é insuprimível, é parte constituinte e insubstituível da dimensão da história humana. Ao mesmo tempo, é no âmbito da vida cotidiana que a imediaticidade converte o “útil” em “verdadeiro”, pois os critérios adotados na definição das prioridades em nosso cotidiano, via de regra, são determinados pela sua praticidade, por sua funcionalidade, capaz de mobilizar os homens ainda que premidos pelas “escolhas objetivas”, ou, dito de outra forma, pelas contingências inerentes à cotidianidade.

Sob o domínio das relações sociais correspondentes às formas de sociabilidade inerentes à sociedade do capital, não só sua atividade vital (o trabalho) vê-se convertida em fardo, mas a própria “satisfação” de suas necessidades calcadas em ações imediatas e fetichizadas, por fim, desnudam que a “objetivação” realizada no âmbito do nosso cotidiano é negadora do humano-genérico (do homem pleno “*em si - para si – e para espécie humana como um todo*”), pois suas ações cotidianas voltam-se, antes de tudo, às necessidades de reprodução do indivíduo enquanto força de trabalho.

Nesse caso, o cotidiano se apresenta como o momento em que o sentido da existência humana é negado, posto que encontra-se subordinado à lógica da acumulação:

“A vida cotidiana é a vida de *todo* homem [...] é a vida do homem por *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas suas habilidades se coloquem em funcionamento determina, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fluidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absolver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (Heller, 1989:17-18).

Conforme temos procurado indicar, a imediatividade exerce em nosso cotidiano um papel fundamental, uma vez que é a expressão de uma força social (do capital) capaz de nos fazer mover, ainda que no sentido de encontrar “solução” para problemas contingentes relacionados à realidade objetiva.

É por isso que, refém das exigências da sua reprodução enquanto força de trabalho, a forma alienante da sua existência tende a acentuar um processo de eterna irrealização expressa numa vida sem “vida”, vida carente de significados, negadora do homem enquanto humano-genérico.

De forma correlata, o indivíduo da nossa cotidianidade é o indivíduo cuja existência se apresenta de forma *cindida*, na qual o sentido da vida em toda sua plenitude encontra-se negado, uma vez que se subordina à moderna divisão do trabalho.

Com isso, à época do trabalho flexível contemporâneo, em que pese suas particularidades recentes, não se rompe, mas ao contrário se reafirma em outros moldes a essência alienante historicamente calcada na cisão entre produtores/produto, no constante aumento da produtividade, na retenção concentrada da riqueza social sob o auspício das novas técnicas de gestão de pessoal necessárias à acumulação/reprodução do capital.

Se, por um lado, esse segmento metalúrgico *jovem-adulto flexível*, apoiado na sua força, consegue negociar benefícios e aumento de salários, exigindo a “devolução” de parte das diferentes formas de realização de taxas de mais valia absoluta e relativa. Por outro, não podemos perder de vista que o processo no qual surge o *jovem-adulto flexível* encontra-se eivado de inúmeras contradições. As transformações inerentes ao complexo da reestruturação produtiva trazem em si, uma dinâmica com repercussões que extrapolam o universo fabril, se relacionam aos novos nexos sociais do “metabolismo social da reestruturação produtiva do Capital” (Alves, 2007), um processo que, iniciado na fábrica, amplia-se para a vida social.

Nesse caso, uma particularidade dessa forma recente em relação ao *americanismo fordismo* está no fato de que, se após o período de adaptação aos mecanismos de controle da produção fordista o operário podia contar com seu cérebro livre (por meio da fuga imaginética durante o próprio trabalho) para refletir, inclusive sobre sua condição operária, as estratégias de gestão de pessoal e de recursos humanos nesta época do trabalho flexível procuram ocupar em tempo *continuum* a “mente” e o

“coração” do operário, induzindo-o ao trabalho participativo, o que implica, entre outras coisas, a entrega “total” do operário à nova lógica produtiva e racional do trabalho.

Essa recente modalidade flexível do trabalho exige uma entrega que, quase absoluta, faz do “ato de entrega” e da absorção operária traduzir-se numa nova tessitura social, que agora procura englobar o conjunto da vida social. Sob a égide do trabalho flexível, por exemplo, não há mais a antiga distinção, existente na época fordista, que procurava separar o universo do “lar” e o da “produção”.

Dessa forma, premido pelas contingências - como a necessidade de ser efetivado no emprego -, suas iniciativas se identificam tão-somente com as necessidades de encontrar respostas aos dilemas apresentados pelo contexto fabril, os quais, espraiando-se, inter cruzam (re) definindo as diferentes situações do seu modo de “vida *just-in-time*”: vida “móvel”, vida em “trânsito”, motivada e repleta de atitudes que, ao fim, revertem-se em prol do capital, seja no interior ou fora da fábrica.

São posturas que, atendendo às exigências da produtividade, tal qual salienta Dejourns (2000), refletem de modo contundente práticas de adesão “voluntária” às inúmeras estratégias da “guerra sã”, que, fundamentada na inquestionável necessidade de se preparar para o acirramento da competitividade, impõe que se aceitem as inconveniências decorrentes das circunstâncias dadas.

Nesse caso, o modo de vida da força de trabalho é definido pelas exigências dessa “guerra sem trégua”, que induz a certos comportamentos, a um “estilo” de vida que mesmo fora da fábrica deve coadunar-se à lógica-necessidade do capital, na medida em que “fazer a guerra não tem por objetivo unicamente defender a própria segurança e sobreviver à tormenta [...] consiste em polir as armas de uma competitividade que lhes permite vencer o concorrente” (Dejourns: 2000,14).

Essa ideologia da “necessidade”, exaustivamente difundida, quando incorporada pelo segmento *jovem-adulto flexível*, mobiliza-o de tal forma que sua vida fora do trabalho praticamente inexistente enquanto tempo “seu”, uma vez que as determinações cotidianas conformam-se enquanto um *continuum* e indissociável tempo de trabalho que lhe ocupa a cabeça, atormenta-o, domina-o integralmente.

A favor de nosso argumento, vejamos o que nos diz Jorge, depoente ingresso na fábrica na primeira metade da década de 1990. Trata-se de um operário que estudou três idiomas (inglês, alemão e francês), frequentou o Senai na empresa, fez curso

técnico em instituição pública e, por fim, formou-se engenheiro em 2006. Sobre a correria do dia-a-dia, do seu modo de “vida *just-in-time*”, Jorge nos informou, em depoimento coletado em janeiro de 2008:

“[...] de segunda a sexta... eu sempre estudo algum idioma, atualmente eu estou estudando francês, inglês... normalmente faço aula na Usp duas vezes por semana, inglês eu faço no sábado [...] Durante os períodos das aulas eu não tinha tempo pra nada, quando eu estava na faculdade eu não tinha tempo pra nada [...] Quando eu fazia faculdade não tinha tempo pra muita coisa, eu saía da empresa... jantava ali na empresa mesmo, tomava um banho já ia direto pra faculdade. Eu chegava na faculdade em torno de seis e vinte... chegava uma hora antes preparava algum relatório que tinha que entregar... tinha muito relatório pra entregar... muita lição, estudava alguma coisa. As aulas começavam a sete e dez, ia até vinte duas e quarenta. Quando chegava em casa eu preparava algumas coisas pro dia seguinte... a faculdade foi muito corrido. Era neste horário de segunda a sexta, aos sábados de manhã, da sete e vinte até meio dia e quarenta. Sábado eu tinha aula de manhã, depois ia direto pro curso de inglês [...] Eu gostava de fazer cursos de matemática aplicada, então era domingo de manhã das sete e meia ate duas horas e meia, três horas da tarde... tinha aula de oito horas... tinha que levar marmitta (risos...), [...] **Isso foi de 1998 ate o ano passado (2006)** [grifo nosso]. Inglês eu estudei mais de sete anos, alemão quatro anos”.

A trajetória desse operário parece-nos expressar de forma nítida o que pretendemos demonstrar. De 1998 a 2006, portanto durante 8 anos, sua vida foi um tremendo “vai-e-vem”, conforme seu relato. Mas, há ainda a fase anterior, o período que remonta ao início da sua trajetória pelo Senai da empresa, que, em tempo integral, deveria, durante a noite, ser complementado com os estudos referentes ao ensino médio.

Ou seja, antes do *sprint* final de uma maratona que se deu nos anos de 1998 a 2006 houve a fase de pré-aquecimento. Esse momento, etapa do início da carreira profissional, cujas exigências da empresa devem ser seguidas à risca, implicou que esse jovem assumisse o compromisso de freqüentar, durante três anos - dos 14 aos 17 anos de idade e de segunda a sexta-feira -, a escolinha Senai, no período das 8:00 até as 17:00 horas. Mas, isso é só uma parte das exigências, pois não podemos nos esquecer de que das 19:30 às 22:40 horas deparava-se com a obrigatoriedade de concluir o ensino médio, cursado, geralmente, em escola pública.

Dessa maneira, somadas as duas fases do seu processo de formação, que vai da sua entrada no Senai até sua conclusão do ensino superior, esse jovem de 28 anos de idade à época do seu depoimento havia dedicado aproximadamente 14 anos da sua vida adolescente-juvenil quase que exclusivamente às exigências do trabalho. Sobre-lhe, tão-somente, a fase da infância-adolescência, porém nos disse: “*inglês eu estudo faz tempo, desde moleque*”.

Contudo, se considerarmos que o ingresso no Senai acontece entre os 14 e 15 anos de idade, mais a escola técnica cursada quando do término dessa primeira fase de conhecimento profissional, temos que sua vida é uma espécie de *moto-continuum* sempre determinado pelo trabalho.

Ou seja, a “vida *just-in-time*”, se por um lado procura desfazer-se da figura do “gorila domesticado” fordista, por outro faz emergir em nossa contemporaneidade o “autômato flexível”, que desde a adolescência deve reservar de 10 a 12 horas do seu dia para se dedicar quase que exclusivamente aos estudos. Nesse caso, a pesquisa de Iram Rodrigues, que indica uma maioria de jovens operários solteiros, ganha maior significado quando associada ao modo de vida desse segmento, às novas relações sociais e de exploração sob a égide do trabalho flexível.

De forma a tornar um pouco mais compreensível as informações fornecidas pelo nosso depoente, é interessante notar o que nos diz o médico do trabalho responsável pelo depto. de Medicina do Trabalho, Segurança e Ergonomia do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em fevereiro de 2008:

“Hoje o jovem não é um metalúrgico que só trabalha, quando ele sai do Senai e vai para a fábrica fazer estágio ele começa ouvir a seguinte coisa; que faculdade você vai fazer ou está fazendo?. É uma pratica comum o chefe chegar e dizer: “só tem uma coisa que garante você aqui, se capacitar sempre”!. Então tem cara que pensa: “a China tá despontando como uma potência econômica mundial, é melhor aprender chinês porque daqui a pouco vão me pedir isso”. Outra coisa: num grande centro como SP, você tem uma questão de tempo, então você tem pouco tempo na agenda, você acorda normalmente 4:00, 5:00 horas da manhã para pegar o ônibus e ir para a fábrica começar as 6:00 hs, você sai 15:00... 15:30 h, tem que está em casa às 17:00 hs, tem que está na escola 18:30, tem engarrafamento no trânsito, então você não janta, ai volta pra casa 23:30, 24:00 hs, chega em casa você não consegue dormir porque está a mil, tá com a adrenalina lá em cima,

“você vai demorar uma hora uma hora e meia para dormir, então você dorme duas, três horas. Esse é um outro fator de sofrimento psíquico brutal [...] a falta de sono, a falta de qualidade de sono, principalmente o sono profundo, que seja reparador. Além disso, chega sábado, a maioria desses trabalhadores tem turno... rodízio... roda sábado, tem domingo que às vezes você é “convidado” compulsivamente a fazer hora extra, e dependendo como tá a produção, banco de horas, uma série de coisas que você tem que fazer, então você não tem realmente tempo, isso acaba aumentando a sobrecarga psíquica”.

Mas o drama de Jorge não termina aí: desse contexto é que deriva um modo de vida muito peculiar, cujas múltiplas vivências e situações repercutem na esfera da sua “vida particular”: vida em família, lazer, amizade, vida afetiva. É nosso depoente quem novamente relatou:

“Depois que eu me formei eu passei a dar mais valor pra esse tempo. Então uma coisa que eu não tinha antes e passei a ter é convívio familiar, é ficar um pouco mais com meus pais”.

O depoimento de Jorge se coaduna com outro relato feito por Tereza em janeiro de 2008, uma operária que, com seus 18 anos de idade, era portadora de uma beleza singular. Tereza possuía traços faciais finos, que, simétricos, são realçados levemente pela pintura discreta em suas pálpebras, constituindo um perfil de jovem-mulher que procura se afirmar combinando beleza-despojamento.

De corpo esguio, braços ornamentados com poucas pulseiras tipicamente juvenis (bijouterias que relembram o estilo “bicho-grilo” dos anos 80), sua roupa despojada e de marcas renomadas no mercado denunciam uma combinação típica dos trajes adquiridos por jovens que costumam frequentar, que circulam pelas butiques localizadas em shopping centers.

Mas o mundo do capital parece conspirar, querer ofuscar a beleza natural/simulada de Tereza. Essa espécie de “garota de Ipanema” da fábrica nos relatou que:

“Desde menina sempre fui criada perto dos meus pais. De repente não os via mais [...] minha mãe também trabalha [...] não conseguia mais falar com eles [...] às vezes na escolinha do Senai eu ficava chorando [...] sentia a falta deles, depois disso passou [...] na fábrica a gente amadurece mais cedo”.

Dos relatos, é perceptível o quanto o modo de *vida just-in-time*, cinde, separa a fôrceps o jovem operário da relação jovem-família, justamente num momento em que a Pesquisa Sobre o Perfil da Juventude Brasileira (2005) indica que a falta do convívio familiar constitui um dos maiores dramas vividos pela juventude contemporânea.

Contudo, negando esse “direito”, o trabalho flexível parece reproduzir velhas práticas utilizadas pelos antigos espartanos, que “confiscavam” os filhos do seio de suas famílias e os treinavam para as guerras. Mas a “guerra sã” contemporânea apontada por Dejours (2002) é diferente: é a guerra da abundância, na medida em que se produz de tudo em escala sempre ampliada, diferentemente da escassez do mundo espartano.

Há, ainda, outras diferenças, a “guerra sã” atual não distingue os sexos: todos são convocados, homens e mulheres devem se alistar, ingressar no exército dos “colaboradores”. Devem formar a “grande e nova família” flexível-fábrica. Com isso, nega-se peremptoriamente o direito de pais e filhos se conhecerem mutuamente, pois, ainda que residindo debaixo do mesmo teto, quase nunca conseguem se encontrar, não se comunicam: “[...] *de repente não os via mais [...] minha mãe também trabalha [...] não conseguia mais falar com eles*”, desabafou de forma desolada nossa depoente.

Se há nisso tudo um “saco de maldades” que precisa ser esvaziado, o drama ainda não chegou ao fim. Da mesma forma, podemos verificar que o *jovem-adulto flexível* se constitui como um novo segmento metalúrgico com certa dificuldade em estabelecer laços afetivos satisfatórios, ainda que transitórios, porém, necessários ao processo de amadurecimento, de mudanças que perpassam as fases da adolescência e da juventude, culminando com a fase adulta.

Vejamos agora o relato de Márcia, também coletado em janeiro de 2008. Trata-se de uma jovem metalúrgica formada pelo Senai da fábrica e que, parecendo transbordar em angústia, lamenta não conseguir tempo para viver minimamente sua mocidade.

“Durante o curso do Senai, à noite eu fazia o colégio... então eu estudava o curso de mecânica, e depois, das sete e meia da noite até as onze horas eu estudava o colegial (ensino médio). No final do ensino médio eu comecei a namorar um colega de classe [...] eu não conciliei o meu tempo de estudar... de ter uma hora pra ficar com meu namorado.... de trabalhar na fábrica... trabalhava de fim

de semana... todo domingo eu trabalhava... no primeiro ano da faculdade. Então, no primeiro ano da faculdade era assim, durante a semana toda eu acordava as quatro e dez e dormia a meia noite e meia. Aos sábados, eu acordava um pouco mais tarde... as seis e meia, saía pro curso de inglês, e ficava fora de casa até cinco da tarde por que a aula da faculdade até as quatro e meia... só que às quatro e dez da manhã do domingo eu já ia acordar pra vir trabalhar de novo. Então, o tempo pro namorado era curto e geralmente eu estava com sono... então não progrediu [...] não deu certo. Ele não entendia minha rotina, dava muita discussão... aí acabou [...] ele tinha a mesma idade que eu”.

A fala acima é significativa, reveladora do que pretendemos demonstrar: a falta de tempo necessário ao processo de amadurecimento pessoal, que tem nas relações afetivas um importante componente social, e que, no caso aqui estudado, vemos ser negado pelas circunstâncias da vida e de trabalho, pelo modo de “*vida just-in-time*”.

Vale destacar que a mesma depoente nos declarou que preferiu “ficar sossegada”, que até tentou, mas disse ser difícil encontrar alguém que queira namorar tendo que submeter quase que totalmente o namoro, de certa forma experimental, às obrigações de trabalho e estudo. “*Eles não entendem a gente*”, declarou-me em tom de desabafo. Pareceu-nos, contudo, que, apesar de resignada com sua solidão, sentia-se culpada pelas tentativas fracassadas.

Um processo de submissão social, em face das contingências cotidianas cuja aceitação assume forma, transmuta-se em mentira para si mesmo, como uma espécie de negação impotente que surge do pressentimento de que algo está errado, porém não há clareza na sua definição, e, quando há, ainda que aparente, falta-lhes força capaz de se contrapor à torrente, processo que, acentuado, é causa-fonte da dor e do sofrimento-resignado, tal qual demonstra Dejours (2000).

Talvez como expressão desse comportamento defensivo, sob o peso desse fardo-cotidiano, ainda mais quando se considera o fato de que Márcia se encontra na aurora da vida, sua fala baixa, resignada e tensa repentinamente sofre um abrupto aumento de tonalidade. Como que “engolindo a seco”, nossa depoente refém dessa lógica flexível revela-se impregnada pela realidade objetiva, rendida às exigências do cotidiano. Sua vida revela-se inteiramente cindida, ao afirmar:

“Lazer eu não tive... uma vez ou outra, quase nunca ia ao cinema com as amigas...eu não tive rotina de lazer, nos finais de semana eu estudei... vez ou outra eu vejo alguém [...] Durante um tempo eu senti bastante falta, mas eu fui me adaptando... **eu vi que era a escolha que eu tinha feito** [grifo nosso] [...] não é que eu não tinha lazer. Eu podia fechar os meus livros e ir pro meu lazer, mas eu tinha trabalhos pra entregar, eu tinha textos pra ler [...] eu não conseguia largar minhas coisas pra ir jogar bola, ir à festa, ir na balada... sabendo que na segunda o professor ia discutir o texto tal e eu não tinha lido, ou que tinha que entregar um trabalho e eu não tinha feito. Então eu foquei no meu trabalho e.... eu cheguei a um ponto de me acostumar com isso... eu estou formada há um mês, eu chego em casa e estudo”.

Todavia, se partimos do pressuposto de que é na juventude que podemos encontrar um intenso potencial contestador, voltemos novamente para o caso de Jorge. Ele nos relatou que procura maneiras alternativas capazes de dar vazão às novas descobertas no campo afetivo. Afirmou que seu trabalho e seus estudos, ainda que corridos, não o impediram de namorar. Disse-nos:

“Eu conhecia ela durante um tempão, namorei com ela [...] mas o namoro terminou aos vinte e três anos [...] Nessa época a gente se via uma vez por semana ou duas [...] quando tinha tempo eu ia buscar ela no trabalho dela [...] às vezes eu saía da noite da faculdade ia buscar ela, levava ela pra casa [...] era atribulado sim, mas a gente sempre dava um jeito de se ver [...] **o meu trabalho e meu estudo nunca foi um empecilho para o meu relacionamento, meu namoro com ela** [grifo nosso]. Acho que quando as pessoas querem se ver elas se vêem simplesmente. Mesmo quando eu tenho que estudar para uma prova, de repente ela aparece aqui do meu lado, eu estudo aqui, ela tá aqui, mas não me atrapalha não. A gente dá um jeito, é isso que eu quero dizer... a gente dá um jeito”.

É interessante notar a afirmação de Jorge, operário-síntese do perfil *jovem-adulto flexível*, “*o meu trabalho e meu estudo nunca foi um empecilho para o meu relacionamento, meu namoro com ela*”, pois, logo em seguida, quando perguntado novamente que balanço faz dessa sua trajetória profissional-pessoal, tal qual ocorreu com Márcia, manifestam-se plenamente formas de objetivação que, no cotidiano, expressam a vida do homem cindido (Heller, 1989).

“Eu queria ter oportunidade de ter viajado de férias [grifo nosso]... mas todas as férias que eu tirei quando eu estava na faculdade, foi ou pra estudar pra faculdade porque eu

precisava de tempo pra estudar, eu precisava passar de qualquer jeito [...] precisava do dinheiro das férias pra cobrir minhas dívidas, isso daí é uma coisa normal. Quem trabalha na empresa e estuda, é difícil pagar uma faculdade de mil reais por mês... somando aos gastos que você têm com livros, condução, alimentação... eu diria pra você que tem muitos lá (na empresa) nessa situação e que estão endividados hoje”.

O trecho grifado acima parece revelar que, dentro de si, Jorge carrega as mágoas de um desejo contido, não realizado, possivelmente uma vontade de ter viajado com sua namorada. Mas como explicar que um jovem com uma condição salarial anteriormente demonstrada, com carro próprio, contrarie um comportamento tipicamente juvenil?

Como se explica o fato de que um jovem, morando a 50 minutos do litoral sul paulista, possa se lamentar dizendo: “*eu queria ter oportunidade de ter viajado de férias*”. Será que tem razão quando afirma “*o meu trabalho e meu estudo nunca foi um empecilho para o meu relacionamento, meu namoro com ela*”? Ou será mais uma maneira de tergiversar, resignar-se, em face das agruras pessoais que lhe são impostas pelo modo de “*vida just-in-time*” ?.

Hoje, tudo deve estar integrado à lógica flexível, pois as metas produtivas das empresas são também metas sociais: devemos todos, indistintamente, sem exceções, estar comprometidos com o desenvolvimento da empresa e da sociedade. Temos aqui uma das formas contemporâneas do metabolismo de reprodução material e ideológica do capital, exaustivamente analisada por Mészáros (2002).

Por outro lado, cabe salientar que os novos aspectos acima arrolados não desautorizam as análises desenvolvidas por Gramsci. Ao contrário, é preciso reconhecer sua importância histórica por ter antecipado a lacuna fundamental existente nas formas de controle fordista, abrindo a possibilidade da luta contra-hegemônica.

São essas “brechas” que o trabalho flexível tem procurado preencher, inclusive, quando necessário, adotando práticas de terror, já que a difundida tese da empregabilidade tem este componente social coercitivo: procura mobilizar a “mente” operária em prol da acumulação.

Trata-se de práticas adotadas no ambiente de trabalho, nas células de produção mais especificamente, que criam um novo vocabulário (fazer 5s, nossa equipe, etc.), o qual sorrateiramente invade os “lares”, sendo paulatinamente incorporados ao cotidiano operário determinando novas formas de sociabilidade. Nesse sentido Gramsci tinha razão: “a hegemonia vem da fábrica”.

Em nossa contemporaneidade, “tudo e todos” devem comprometer-se, irmanar-se com a produção. É como se a fábrica, rompendo com os próprios muros, se instalasse permanentemente no meio de nossa sala de visitas, e, de forma vigilante, insistentemente lutasse por fazer valer a máxima toyotista de que “ao proteger a empresa estamos protegendo nossa família”.

Portanto, ao analisarmos alguns dos significados históricos-sociais definidores do metalúrgico *jovem-adulto flexível*, pensamos que tal objeto, para melhor ser apreendido, deve estar envolto por um método analítico que busque compreendê-lo na sua totalidade. Dessa forma acreditamos que, apesar do necessário reconhecimento não podemos ficar reféns de um enfoque geracional que em geral, se impõe cunhado a partir das linhas de tempo, que, estanques, tendem a dividir mecanicamente o antes e o depois. A História, em sua contraditória processualidade, faz do passado mais que uma herança, um passivo que, colocado sobre os ombros das novas gerações, devem ser aceitos ou refutados.

Para nós, o agora, o tempo presente não constitui uma realidade indiferente em relação ao passado; pelo contrário, o presente é histórico, mas, dialeticamente se alimenta das formas pretéritas, sempre em processo de constante superação. A constituição do novo pressupõe de alguma forma, mesmo negando, a incorporação do antigo, à luz, sempre, das novas contingências históricas e sociais.

Se para alguns autores a juventude metalúrgica empregada nas montadoras do ABC paulista constitui uma nova geração (Tomizaki, 2007; Iram Rodrigues, 2005), o que não negamos, do ponto de vista da História trata-se de um segmento operário que, transformado, tem sua emergência relacionada à nova tendência de que o conjunto dos trabalhadores convive com um processo de intensa transformação.

Por fim, cabe salientar que o perfil operário *jovem-adulto flexível* representa uma composição metalúrgica que para além da opressão vivida, resultado de um processo contraditório, considerada sua escolarização/qualificação é portador de novas

possibilidades, de novas promessas, que em muito pode contribuir no avanço da organização operária na sua luta contra a insaciabilidade do capital.

### **Bibliografia:**

**Alves**, Giovanni. Trabalho e Subjetividade: ensaio sobre o metabolismo social da reestruturação produtiva do Capital. Tese de Livre-docência. Unesp: Marília, 2007.

**Antunes**, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. 4º ed. São Paulo: Cortez, 1997.

**Araújo**, Renan B. *O modo de vida just - in - time do novo perfil metalúrgico jovem-adulto flexível do ABC: antigos dilemas, novas contradições e possibilidades*. Tese Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras: Araraquara, 2009.

**Arbix**, Glauco. *Uma Aposta no Futuro: Os primeiros anos da Câmara Setorial da indústria automobilística*. São Paulo: Scritta, 1996.

**Berman**, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés & Ana Maria L. Loriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

**Bresciani**, Luís Paulo. O contrato da mudança: a inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões. Tese Doutorado: Unicamp: Instituto de Geociências, 2001.

**Comin**, Alvaro. De volta para o futuro: política e reestruturação industrial do complexo automobilístico brasileiro. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1998.

**Dejours**, Christophe (2000). *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas.

Franca, Gilberto Cunha. *O trabalho no espaço da fábrica*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

**Frederico**, Celso. *Razão e Desrazão: a lógica das coisas e a pós-modernidade*. In- Revista Quadrimestral de Serviço Social. Nº 55, Novembro de 1997, p. 174-187.

**Giddens**, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *As conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo : Editora da Unesp, 1991.

**Gramsci**, Antonio. *Americanismo e Fordismo*. In - Maquiavel a Política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

**Heller**, Agnes. *O cotidiano e a História*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 3ºed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1989.

**Marx**, Karl. *Crítica da Economia Política*, livro 1. V.I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.

**Mészáros**, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.

**Rodrigues**, Iram J. Martins, Heloisa Helena T. *Perfil socioeconômico de jovens metalúrgicos*. Revista Tempo Social. Vol.17. nº2, 2005. pp.3-25.

**Sennet, Richard.** *A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

**Tomizaki, Kimi A.** *Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores.* Campinas: Arte Escrita, 2007.

\_\_\_\_\_. *Envelhecer na fábrica: a definição da identidade dos metalúrgicos do ABC nos anos 90.* Anpocs, 2005.

Viviane, Forrester. *O Horror econômico.* São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

**Zauli, E. M.** *As condições sociais da emergência e decadência da Câmara Setorial da Indústria Automotiva no Brasil.* São Paulo: Anna Blume, 1997.